

O POSITIVISMO MATERIALISTA DE AUGUSTO COMTE NO CONTEXTO DA OBRA MACHADIANA: “DOM CASMURRO”

ALVES, Paulo Tiago da Silva¹

ALVES, Rângelo Brabec de Barreto¹

SANTOS, Roberto Inácio dos¹

LIMA, Luiz Eduardo de Andrade²

RESUMO:

Trata-se o presente artigo de um fôlego acadêmico e intelectual em empreender-se um breve estudo sobre a obra de Machado de Assis (Dom Casmurro), no afã de procurar indícios de influências materialista à luz das contribuições filosóficas de Augusto Comte. Nesse sentido o artigo fora dividido em tópicos os quais oferecem rápidas pinceladas sobre a biografia de Machado de Assis, sua bibliografia, enveredando no estudo do Positivismo, enfatizando as influências intelectuais que impregnaram o pensamento e a produção teórico-filosófica de Augusto Comte, caracterizando o Positivismo sob o ponto de vista filosófico, tracejando suas características, seus fundamentos e a gama variada de influências que tal corrente de pensamento filosófico imprimira no mundo e no Brasil. Ao final são reunidos, de maneira literal, passagens do texto machadiano (Dom Casmurro) demonstrativos dos valores materiais, burgueses e positivistas, explicitados por Machado de Assis na obra já mencionada, que através de sua personagem central externa os valores de seu tempo.

Palavras-Chave: Augusto Comte; Machado de Assis; Positivismo; Realismo.

¹ Acadêmicos do Curso de Letras da Universidade Tiradentes – Período 6º

² Professor graduado em Letras Português/Inglês, pós-graduado em Educação e Literatura pela Universidade de Brasília. E-mail: leduardoalima@uol.com.br

O POSITIVISMO MATERIALISTA DE AUGUSTO COMTE NO CONTEXTO DA OBRA MACHADIANA: “DOM CASMURRO”

1. INTRODUÇÃO

A despeito da incontestável assertiva sobre o fato de que, quem desejar escrever em Língua Portuguesa há de reverenciar o estilo de Machado de Assis por ser este oferecer exemplo maior de domínio sobre o vernáculo nacional, sendo, portanto ponto de partida para àqueles que se enveredam na arte da escrita.

Nesse sentido aprofundar estudos e o conhecimento em quaisquer das obras literárias de Machado de Assis é mergulhar a fundo na brasilidade tão inerente àquele autor, sem esquecer a lucidez com a qual o escritor se apresentara ao cenário literário brasileiro como “um homem do seu tempo” e muitas vezes, um crítico mordaz da sociedade em que vivera.

O presente artigo se propõe estabelecer co-relações do texto machadiano, em especial em sua obra “*Dom Casmurro*”, com as contribuições teórico-metodológicas do “*Positivismo*” de Augusto Comte.

Dessa feita o artigo encontra-se dividido em três tópicos, assim distribuídos e tematizados: o primeiro elabora uma breve biografia e bibliografia do escritor carioca; no segundo são cotejados o arcabouço conceitual e as características da corrente de pensamento filosófico inaugurada por Augusto Comte

tudo para culminar no tópico final e estabelecer pontos convergentes entre tais posicionamentos filosóficos deste, com a obra ímpar de Machado de Assis (sem esquecer do perfil e caráter externado por Machado de Assis, da personagem dissimulada e multifacetada, presente em Dom Casmurro – “Capitu”).

2. ASPECTOS BIOGRÁFICOS, BIBLIOGRÁFICOS LITERÁRIOS DA OBRA DE “MACHADO DE ASSIS”.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, a dois de julho do ano de 1839, tendo falecido em 1908. De origem humilde, fora vendedor de doces, tipógrafo na imprensa nacional, balconista de livraria e funcionário da Secretaria de Agricultura. Apolítico em decorrência de seu jeito tímido de ser, começou sua vida literária ainda nos tempos em que era balconista da livraria Paulo Brito. Sempre se mostrou um homem de intensas e profundas reflexões. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

A trajetória literária de Machado de Assis percorrerá duas fases distintas quais sejam: a primeira de características românticas, onde publica: “Crisálidas” (1864) e “Contos Fluminenses” (1870). Depois escreve: “Falenas e Americanas” (1870), “Histórias da Meia Noite” (1873), “A Mão e a Luva” (1874) “Helena” (1876), e “Iaiá Garcia” (1878).

A Segunda fase da Literatura de Machado de Assis corresponde à plenitude literária do escritor. São dessa época: “Memórias Póstumas de Brás

Cubas” (1881), “Quincas Borba” (1891), “Dom Casmurro” (1899), “Esaú e Jacó” (1901), “Memorial de Aires” (1908).

O conteúdo literário da obra machadiana não o vincula a nenhuma corrente ou movimento literário específico, ainda que em alguns momentos se apresente como um autor romântico (em alusão ao Romantismo), ora escreva à luz dos autores realistas (ao modo do Realismo).

O estilo literário machadiano, segundo Silva (1994, p.61),

“revela simplicidade, objetividade e ausência de artificialismos”. A concisão é uma de suas mais eloqüentes características. Cuidou em suas obras, mais do homem do que da paisagem. Não foi grande poeta. Inicialmente passando pelo Romantismo e depois mostrou-se Parnasiano.”

Nesse sentido vê-se esboçar ao longo da “letra” literária de Machado de Assis, notadamente em obras como “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Dom Casmurro”, muitas das características e fundamentos do Romantismo, a exemplo de: nacionalismo, valorização dos costumes e tradições nacionais, lutas em defesa das liberdades individuais.

As concepções machadianas sobre o homem pairam em torno da idéia segundo a qual, o homem é um ser sempre egoísta, indiferente a sentimentos de felicidade e/ou infelicidade, acreditando piamente no fato de que o sofrimento é algo inerente à condição humana, sendo tudo na vida somente ilusão; restando ao homem comum, a solidão e o isolamento.

2.1. Generalidades sobre o Positivismo de Augusto Comte

➤ Biografia de Augusto Comte

Nascido na cidade francesa de Montpellier (ao sul da França) em 1798, num período após da eclosão da Revolução Francesa, morrendo em Paris em 1817.

A trajetória acadêmica de Augusto Comte se confunde com sua inteligência ímpar que, em 1814 aos 16 (dezesseis) anos de idade, ingressa na prestigiada Escola Politécnica Francesa.

Famoso por seu hábito de leitura, Comte sofrera influência das leituras que fizera de renomados filósofos, a exemplo de: Aristóteles, Francis Bacon, Diderot, Descartes, Condorcet, Hume, todos precursores da teoria filosófica augustiana, o “Positivismo”.

Dentre as descobertas e criações realizadas por Augusto Comte, destacam-se: 1) aos 19 (dezenove) anos descobre o Princípio da relatividade; 2) em 1822, aos 24 (vinte e quatro) anos descobre a Lei dos Três Estados ou Lei da Inteligência; 3) culminado com a criação da Sociologia.

Em 1825, aos 27 (vinte e sete) anos, casa-se Augusto Comte com D. Carolina Massin, mulher frívola e sem consideração, que levaria o referido filósofo a enfrentar numa crise nervosa, culminado, tempos depois, com a separação do casal.

Após breve período sem atividade, Augusto Comte escrevera um curso de Filosofia Positiva, em seis volumes, que foram editados entre os anos de 1830-1842.

Em finais de 1844, Comte conhece Clotilde De Vaux, iniciando com esta um romance e amor platônicos, fato que, estimulara o filósofo escritor a produzir nova obra, desta feita, intitulada Moral Teórica e Moral Prática.

A morte de Clotilde em 1846 e as lembranças e reminiscências da infância de Augusto Comte (uma vez que este havia nascido em frente à Igreja de Santa Eulália), aproximaram o autor do Catolicismo.

Assim, as amizades do filósofo com padres tornam-se uma constante na vida daquele. De 1851 a 1854, Augusto Comte escreve o Sistema de Política Positiva em 4 volumes, que constitui em o primeiro Tratado de Sociologia, fundamentando a separação espiritual e temporal (traduzida na noção de separação entre Igreja e Estado).

Em 1857 aos 59 (cinquenta e nove) anos, falece Augusto Comte, após a realização de intenso trabalho intelectual, realizando a definição e classificação das ciências, transformando-se em “pai” da Sociologia Positiva e criador da “Moral Positiva”.

Formam o contexto das contribuições intelectuais de Augusto Comte as obras a seguir elencadas: a) Sistema de Filosofia Positiva (1830-1842); b) Sistema

de Política Positiva ou Tratado de Sociologia, instituindo a Religião da Humanidade (1851-1854); c) Catecismo Positivista ou Sumária Exposição da Religião Universal (1852); d) Apelo aos Conservadores (1855); e) Síntese Subjetiva ou Sistema Universal das Concepções próprias do Estado Normal da Humanidade (1856); f) Testamento, Orações e Quotidianas, Confissões anuais e Correspondências com Madame Clotilde de Vaux (1884); g) Circulares Anuais (1850-1857)-1866; h) Tratado Filosófico D' Astronomia Popular (1845); i) Tratado Elementar de Geometria Analítica (1841); j) Cartas a M. Vallat (1815-1844)-1870; l) Cartas a John Stuart Mil (1841-1844)-1877; m) Correspondências Inéditas de Augusto Comte (Elaborado pela Sociedade Positivista) -1903; n) Cartas de Augusto Comte a Diversos (Publicado pelos seus executores Testamenteiros)-1902.

➤ A Teoria Filosófica de Augusto Comte

Antes de adentrarmos nos meandros da filosofia e pensamento positivista necessário se faz à compreensão do termo positivismo que, segundo Verdenal (1992) apud Cotrim (2001), “foi o termo adotado por Augusto Comte para designar uma diretriz filosófica marcada pelo culto da ciência e pela sacralização do método científico”.

O positivismo representa o ideário e a forma de pensamento hegemônico originado a partir dos avanços e benefícios da industrialização, bem como do otimismo em relação ao progresso do sistema capitalista de produção, fundamentado este no uso exacerbado da técnica e dos avanços e conquistas científicas.

As contribuições das idéias elaboradas por Augusto Comte, possuem uma praticidade bem ao sabor das concepções de mundo e sociedades capitalistas, revelando íntimas e profundas relações com as visões de mundo da burguesia industrial e comercial.

Em verdade, o que as idéias de Augusto Comte pretendiam era a de revelar-se instrumento de reestruturação intelectual das pessoas, de modo a perder de vista a possibilidade de qualquer tipo de revolução social à luz, inclusive, das disposições socialistas dos franceses, a exemplo de Saint-Simon, Charles Fourier, e Proudhon.

No tocante à Lei dos Três Estados também conhecida por ser a Evolução Histórica e Cultural do conhecimento humano onde: o primeiro estado representaria o ponto de partida da inteligência humana; o segundo constitui-se em uma ponte ou momento de transição; e o terceiro seria o estágio maduro, fixo e definitivo da evolução racional da humanidade.

Rememorando as palavras do próprio Comte (1830) sobre sua famosa Lei, “essa lei consiste em que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico e o estado positivo”.

Quanto à teoria filosófica intitulada Positivismo, esta, segundo Cotrim (2001,190),

“possui como objetivo principal a utilização do método positivo de investigação, onde é a pesquisa das leis gerais que regem os fenômenos naturais. Por essa visão, é na elaboração de leis gerais que reside o grande ideal das ciências.”

A elaboração das leis de Augusto Comte de acordo com seus defensores mais ardorosos possibilita a previsão dos fenômenos naturais, de modo a viabilizar a ação na realidade concreta. À luz dessa concepção, o conhecimento científico torna-se um instrumento de transformação da realidade, de domínio do homem sobre a natureza. De modo geral, as transformações advindas das ciências possuem o condão de viabilizar o progresso desde que se mantivesse a ordem estabelecida.

Especificamente, na obra “Discurso sobre o Espírito Positivo”, Comte (1978,63), aponta as características fundamentais que distinguem o positivismo das demais filosofias, quais sejam:

“a) realidade (no sentido de que deve-se procurar conhecer somente aquilo que se pode ver e observar); b) utilidade (estudar e pesquisar somente aquilo que possa melhorar a vida do homem); c) certeza (no sentido de obter-se conhecimentos capazes de estabelecer a harmonia lógica entre mente e corpo); d) precisão (no sentido de dar credibilidade ao conhecimento objetivo e repleto de objetividade e rigor); e) organização (no sentido de pautar a vida na organização e sistematização do conhecimento humano); f) relatividade (no sentido da aceitação de conhecimentos científicos relativos)”.

As contribuições de caráter sociológico advindas das idéias positivistas de Augusto Comte propunham em sua essência uma reforma da sociedade pautada em três passos elementares: reorganização intelectual, depois moral, por fim, política. Para Comte (1978,79), “(...) a grande tarefa a ser desempenhada pela filosofia positivista era a de restabelecer a ordem na sociedade capitalista mundial”;

profundamente abalada pelas conquistas sociais divulgadas pela Revolução Francesa (Grifo nosso).

Augusto Comte também influenciara o pensamento religioso. Assim, Cotrim (2001,193), informa que,

“tal pensador chegara a ponto de criar uma nova doutrina religiosa, denominada “Religião da Humanidade”, onde se erguia com deusa e divindade maior, um ser de características físicas semelhantes à sua amada Clotilde Vaux, e onde os “santos”, eram figuras como: Dante, Skakespeare, Galileu, Adam Smith.”

Como instrumento coadjuvante no processo de divulgação das idéias religiosas de Comte, o próprio filósofo elabora o “Catecismo Positivista”, obra destinada a difundir os princípios religiosos da nova seita. Nesta obra, ficam explicitadas as idéias dogmáticas, autoritárias e conservadoras do filósofo.

➤ Aspectos do Positivismo no Brasil

O Positivismo teve influência fundamental nos eventos que fizeram eclodir na Proclamação da República brasileira, através de figuras proeminentes, como o Coronel Benjamim Constant que lutara na Guerra do Paraguai, sendo àquela época, ovacionado como o “fundador da República Brasileira”.

De fato, quando observamos a conformação atual da bandeira do Brasil é um reflexo direto da influência positivista na política nacional. Elaborada por

Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), procurara indicar ao mesmo tempo a continuidade social do Brasil (o retângulo verde e o rombo amarelo) e a mudança (ou seja, o avanço) de regime político que então se operava no país. Na bandeira, além disso, lê-se a expressão da máxima política positivista *Ordem e Progresso*, surgida a partir da divisa: o amor por princípio e a Ordem por base; e o Progresso por fim.

Ilustres personalidades brasileiras também eram adeptos da filosofia positivista, senão vejamos: Nísia Floresta Augusta, Miguel Lemos, Euclides da Cunha, Luis Pereira Barreto, o Marechal Cândido Rondon e inúmeros outros.

Não obstante a hegemonia do Positivismo de Augusto Comte, do qual Sílvio Romero, em princípio fora adepto, posteriormente, este se contrapôs a essa matriz filosófica do Positivismo, passando a integrar a chamada “revolta antipositivista” que tinha na pessoa de Wilhelm Dilthey seu principal expoente. Desta forma, a partir de 1870 temos uma geração de intelectuais brasileiros preocupados em realizar uma representação da nação brasileira que lhe retratasse a brasilidade do respectivo país, Mota (2000).

Com o triunfo do capitalismo, o mundo presencia um espantoso avanço material, artístico e intelectual, em que “ciência” representava “poder e progresso”, Mota (2000, p.25).

Desde o intróito de suas obras, Sílvio Romero explicitara a sua crença no “espírito e no método científico”. Por conseguinte, suas idéias objetivaram a

fragmentação de “todas as correntes teóricas ou estéticas” – Positivismo e Romantismo, que se opunham ao seu projeto de construção ou reconstrução de uma “identidade genuinamente brasileira”, Mota (2000, p. 28).

Na sua obra, *Doutrina contra doutrina*, Romero atacara o positivismo por ser “uma coisa perigosa”, porque intensionava a combinação da filosofia e política com a religião, sendo que a religião seria no modelo católico, configurando assim a Lei dos Três Estados como “o que é altamente duradouro e inapreciável” na obra de Comte, Mota (2000, p.57).

Sílvio censurara veementemente a existência de um estado “positivo” – segundo a doutrina de Comte, que seria o estágio final do positivismo Comtiano, constituindo assim uma verdadeira estagnação da ciência. Desta maneira, o desenvolvimento espiritual da humanidade estaria completo e acabado, então, seria ilógico, antiprogressivo e atrofiante, Mota (2000, p. 97).

Romero enfatizara que, não obstante a lacuna existente na teoria de Herbert Spencer, esta forneceria o fundamento necessário para as suas pesquisas, na busca de uma explicação completa da “marcha evolutiva” de um povo, Mota (2000, p. 64).

Segundo Mota (2000, p.19), Sílvio Romero fizera gravíssimas críticas contra Manoel Bonfim, por este ter ignorado o “determinismo do meio e da raça na formação da identidade brasileira”, merecendo, portanto, os qualificativos de “estúpido”, “prezinhos literários” e “forte palerma”. Ademais Mota (idem), Romero

criticara também Machado de Assis, afirmando que seus livros eram repletos de “mania filosofária” e de “patacoadas humorísticas e pessimisticantes”.

Mota (idem) afirma que o texto machadiano pecara, pois lhe faltara às características raciais e sociais do país, conferidouras da brasilidade postulada pela crítica literária vigente.

Enfim, Mota (2000, p. 88) informa que a supracitada geração de 1870 era constituída de intelectuais de variadas matrizes ideológicas, fruto de autores e pensamentos da época, a saber:

“Há uma sede imensa de saber, de indagar das correntes novas da inteligência européia. Os livros de Darwin, de Huxley, de Haeckel, de Comte, de Littré, de Taine, de Renan, de Scherer, de Hartmann, de Ihering, de Summer Maine, de Mill, de Buckle, de Spencer, de Lombroso andam em todas as mãos. Positivismo, darwinismo, criticismo naturalístico, pessimismo, monismo, criminologia, todas as teorias, doutrinas e sistemas acham um eco, uma nota nos cérebros brasileiros” (Romero, 1898b: 25).

2.2. O Materialismo de Augusto Comte, no contexto da obra “Dom Casmurro” de Machado de Assis.

A temática que oferece sustentáculo à trama de Machado de Assis na obra “Dom Casmurro”, apresenta o relato de Bentinho (personagem principal), que se crê traído pela mulher (Capitolina ou simplesmente Capitu) e seu melhor amigo (Ezequiel Escobar).

À guisa do dilema esboçado na referida obra, onde se discute a ocorrência ou não da traição conjugal alegada pela personagem Bentinho; assim como os caminhos que uma pessoa ferida pelo ciúme e pelo ódio é capaz de percorrer, e que tão brilhantemente é levado a termo pela narrativa machadiana, transformam Dom Casmurro em um dos clássicos da literatura brasileira, demonstrando ao mesmo tempo a genialidade e capacidade literária de seu autor.

Ao tentar-se estabelecer pontos de encontro entre a perspectiva teórico-filosófica das idéias de Augusto Comte e a narrativa machadiana evidenciada em Dom Casmurro, necessário se faz cotejar citações textuais, onde ficam clarividentes as influências e visões de classe machadianas, cujo porta-voz é, no caso em apreço, a “triste figura atormentada pelos ciúmes”, Bentinho.

Dessa feita, em muitos momentos a narrativa machadiana revela às contradições sociais (a figura do agregado, àquele que vive de favor), a criadagem, a escravidão; numa perspectiva clara, segundo a qual, a personagem Bentinho pertencia a uma classe social privilegiada, no contexto do Brasil de finais do séc. XIX (1801-1900).

A trajetória que a narrativa machadiana imprime ao construir a personagem Bentinho informa de maneira *sui generis*, as origens sociais e a visão de mundo esposada por aquele personagem, e pelos familiares do mesmo.

Assim, a personagem Bentinho ao discorrer sobre a natureza das verdadeiras vocações de Ezequiel de Souza Escobar é emblemático em dizer que, “Segredo por segredo, revelou-me que sua paixão era o comércio...”

Noutra passagem do texto, Assis (1994,37), chama a atenção para o patrimônio que a personagem Bentinho possuía, e que fora revelado em conversa daquele com seu amigo Escobar, assim vê-se:

“Contei-lhe o que sabia da vida dela (mãe de Bentinho) e de meu pai, de Itaguaí, disse que não me lembrava da roça. Falei-lhe de lá, mostrei-lhe alguns escravos, falei das casas de aluguel que tínhamos. Ele ouvia com muita atenção. A propósito das casas alugadas, falei também da extraordinária aptidão para os cálculos que tinha meu amigo. Não se imagina a facilidade com que ele somava ou multiplicava de cor, fazia divisões. Para fazer um teste de sua capacidade, um dia sugeriu-me que trouxesse os números das casas de minha mãe e seus respectivos aluguéis. Trouxe-lhes. Ele somou incrivelmente rápido, de cabeça, e deu-me o resultado. (...)”

Para realçar os valores burgueses da personagem Bentinho, Machado, traduz com maestria o contentamento familiar, quando da chegada de Bentinho, após a graduação em Direito, Assis (1994,39-40),

“Minha mãe quando voltei bacharel, quase estalou de felicidade. José Dias havia ido a São Paulo para assistir a minha formatura e me buscar, e estava tão contente como se fora ele o bacharel. Tudo me prometia que eu seria muito feliz, e todos diziam por uma boca só. Aliás, todos agora me chamavam de “Doutor”.

Outra passagem também revela o caráter burguês da existência da personagem Bentinho. Dessa feita Assis (1994,41) assim descrevia,

“Eu era advogado de algumas famílias ricas, Escobar contribuíra muito para o meu sucesso. (...). Capitu era poupada, não só em dinheiro, mas também de coisas usadas. Minha mãe, que assim era, gostava de a ouvir falar e fazer assim. Quanto às economias de dinheiro, certo dia descobri que ela já havia feito – com a colaboração do Escobar, que lhe fora o corretor - uma economia de dez libras.”

CONCLUSÃO

Em linhas gerais a leitura da obra Dom Casmurro se apresenta sob muitos aspectos, à representação dos modos de viver dos brasileiros que habitavam a Corte, suas relações sociais, a maneira clara e incontestável como as diferenças sociais se mostravam no cotidiano daquelas pessoas. O universo social típico das famílias abastadas de projeção social, a escravaria, os agregados, pessoas outras que se aproximavam das famílias e ou das pessoas de prestígio social, para angariar afeições que a curto ou médios prazos poderia transformar-se em favores imprescindíveis.

Quanto aos aspectos positivistas dessa obra, destacam-se: a conformação social, sem qualquer discurso em prol de mudanças sociais; o apego demasiado aos valores, usos e costumes da época; a valorização dos bens materiais; a hipocrisia tão característica da burguesia.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ridell, 1994.

COMTE, Augusto. **Curso de Filosofia Positiva**. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

_____, Augusto. **Discurso sobre o espírito positivo**. São Paulo, Abril Cultural, 1978.(Col. Os Pensadores).

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia**. São Paulo. Saraiva. 2001

VERDENAL, René. **A filosofia positiva de Augusto Comte**. Rio de Janeiro, Zahar. 1988.

MOTA, Maria Aparecida Rezende. **Sílvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.